



ARTIGOS



## Os Homens E A ‘Lógica Masculina’:

### Pedagogias De Gênero Em Vídeos Do *Youtuber* Felipe Neto

Michele Priscila Gonçalves dos SANTOS, *Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais*

Roney Polato de CASTRO, *Universidade Federal de Juiz de Fora*

---

Resumo: O artigo apresenta uma parte das análises construídas em uma pesquisa de mestrado em educação, a qual se propôs a problematizar discursos de gênero e sexualidade em vídeos do *youtuber* Felipe Neto, veiculados em seu canal no YouTube. Fazendo uma seleção entre as análises, optou-se por apresentar discussões a partir de dois dos vídeos que constituem o *corpus* da pesquisa. Neles, o *youtuber* aciona estratégias humorísticas, com fins de divertimento do público, para apresentar cenas que conduzem a modos de ser homem na cultura, perpassando noções como o ‘hetero tops’, o ‘homem engraçadinho’, o ‘homem prático’, a partir da ideia naturalizada de ‘lógica masculina’. As análises tomaram os vídeos como artefatos culturais, cujas pedagogias de gênero atuam na constituição de sujeitos, interpelando-os a posicionarem-se frente ao audiovisual, aliando-se às suas representações ou refutando-as.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Discursos. YouTube. Felipe Neto. Pedagogias Culturais.

---



## Introdução

Este artigo trata de questões contemporâneas que envolvem a produção de identidades de gênero e sexualidade a partir da relação educativa com os artefatos culturais. De acordo com Paula Andrade (2017), eles podem ser definidos como elementos que produzem e colocam em circulação saberes de diferentes domínios da vida cotidiana, modelando nosso olhar e produzindo nossas subjetividades. Assim, vídeos, livros, peças teatrais, novelas, músicas, revistas, propagandas, filmes, séries, programas de televisão, redes sociais e *sites* são alguns dos inúmeros exemplos de artefatos produzidos em nossa cultura, os quais, ao difundirem representações, valores, condutas e pensamentos, interpelam os sujeitos que os consomem a se olharem e se constituírem (SANTOS, 2021).

Os processos constitutivos de sujeitos, gêneros e sexualidades vêm sendo problematizados em sua relação com os artefatos a partir da noção de 'pedagogias culturais', tributária dos estudos culturais em educação, entendendo que há uma "multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar" (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p. 37). Assim, enfatiza-se que a educação se produz em diversas relações, por meio de variados espaços e artefatos capazes de ensinar modos de ser, pensar e agir.

Tais argumentos foram construídos no âmbito de uma pesquisa de mestrado em educação (SANTOS, 2021), a partir do encontro com os estudos de gênero e sexualidade, os estudos culturais e as perspectivas pós-estruturalistas e foucaultianas, as quais inspiraram olhares atentos e sensíveis às redes pedagógicas culturais que circulam nos diferentes contextos educativos. A pesquisa nasce a partir da relação de uma das autoras com sua prática pedagógica em uma escola pública, ao perceber o interesse, por vezes fascínio, das crianças por personalidades da Internet que denominamos *youtubers*, ou seja, pessoas que produzem e postam vídeos no site YouTube<sup>1</sup>.

Os/as *youtubers* criam seus canais dentro do site, produzem e postam vídeos periodicamente, concentrando-se em temáticas específicas ou não. Assim, se tornam personalidades e podem fazer dessa atividade

---

<sup>1</sup>A grafia da palavra YouTube, com "Y" e "T" em maiúsculos e sem itálico, faz referência a uma marca registrada.



uma profissão, passando, inclusive a ocupar outros espaços midiáticos, como a televisão, lançando livros, aparecendo nas capas de revistas e em outros produtos culturais. A percepção da popularidade dos/as *youtubers* entre as crianças de 6 a 11 anos de idade, em uma escola de classe média do interior de Minas Gerais, instigou a professora e pesquisadora a tomar os vídeos como artefatos a serem investigados. Porém, foi preciso consultar as crianças para definir qual dos canais era o mais assistido por elas, chegando ao nome do *youtuber* Felipe Neto.

Dono do terceiro canal brasileiro com maior número de pessoas inscritas<sup>2</sup> (41 milhões de pessoas inscritas e mais de 11,6 bilhões de visualizações<sup>3</sup>), o *youtuber* e empresário Felipe Neto é um homem branco, cisgênero e heterossexual. Seu canal, intitulado ‘Felipe Neto’, é voltado para o público infanto-juvenil e assume o formato *vlog*, em que o produtor diz ser ele mesmo, sem interpretar personagens. Seus vídeos, postados diariamente, apresentam conteúdo voltado à diversão, com assuntos variados vinculados a desafios, curiosidades e humor. A linguagem informal, a maneira descontraída como o *youtuber* conversa com quem o assiste e a proximidade que ele estabelece com o/a expectador/a, conquistam cada vez mais seguidores/as.

O *youtuber* possui grande visibilidade. É inegável a dimensão do alcance que suas palavras podem atingir, sendo uma das pessoas mais influentes no nosso país. Tudo o que ele faz ou fala está sob muitos olhares, as coisas que ele diz adquirem um ‘peso’ de verdade para algumas pessoas e despertam o ódio de outras. Por isso, é importante problematizar que discursos circulam nos vídeos de seu canal e como podem contribuir para a construção dos sujeitos que o assistem.

## Vídeos do YouTube e a Construção de Subjetividades

Pensar nos vídeos do YouTube, e em especial nos vídeos de Felipe Neto, implica tomar a internet como uma potente ferramenta na constituição de sujeitos, uma rede repleta de possibilidades, que abriga vários instrumentos com papel decisivo na construção de subjetividades, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de

---

<sup>2</sup>Dados da reportagem intitulada “Os 10 maiores canais do YouTube no mundo e no Brasil”, divulgada pelo site <https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>. Acesso em: 16 dez. 2020.

<sup>3</sup>Dados do dia 27 de dezembro de 2020.



alguma forma se dirigem à 'educação' das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem" (FISCHER, 2002, p. 153, grifo da autora). A criação da internet nos anos 1990 e sua expansão nas últimas décadas possibilitou novas formas de interatividade e maior fluidez na troca de informações, ampliando o universo comunicativo e abrindo as fronteiras para as relações digitais. Relações que podem desprezar "dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça, relações nas quais o anonimato e a troca de identidade são parte do jogo" (LOURO, 2008, p. 19).

Como argumenta Santos (2021), a internet faz parte da vida de muitas pessoas, proporcionando informação, entretenimento e interação social. O que vemos, ouvimos e assistimos na rede muitas vezes influencia nossa vida, de modo que "já não é mais possível separar a vida 'real' da vida 'virtual' [...] criando uma só vida, em que o real e o virtual se misturam e dizem de nossos modos de existência na contemporaneidade" (FRANÇA, 2019, p. 195). Podemos sentir os efeitos da internet em diversas situações como na velocidade com que as informações são propagadas, nas maneiras como grupos sociais se articulam e se comunicam, nas formas de lazer, nos modos de se relacionar com o outro, nos posicionamentos diante das questões políticas, etc.

Em meio às diversas formas de exposição e interação possibilitadas pela internet, uma ferramenta que está muito presente nesse processo é o vídeo, uma mídia composta de áudio e imagem, capaz de disseminar discursos e educar olhares. O vídeo se torna um instrumento potente na medida em que apresenta imagens atreladas às falas, difundindo significados e discursos. Como foi possível averiguar com a pesquisa (SANTOS, 2021), existem canais no YouTube voltados para a publicação diária de conteúdos variados, desde tutoriais de jogos e maquiagem até narrativas de acontecimentos da vida pessoal do/a produtor/a. Muitas pessoas se identificam e passam a interagir com os conteúdos produzidos pelos/as *youtubers*, tornando-se seguidores/as e passando a consumir as informações e os conteúdos compartilhados por eles/as. O principal *site* que abriga esses canais é o YouTube, uma plataforma que permite às pessoas postarem vídeos e compartilharem com o público, que pode reagir ao material através de comentários, compartilhamentos e botões de reações definidos como "gostei" ou "não gostei" (*like* e *deslike*).

A popularidade dos/as *youtubers* projeta grande repercussão de seus vídeos e o aumento do número de seguidores/as, tornando-os/as



ainda mais conhecidos/as e influentes. Logo, quanto mais postam conteúdos que agradam aos/às fãs, maior é a sua popularidade. Refletindo sobre a forma como os canais do YouTube estão colocados em nossa sociedade, é possível pensar que são artefatos culturais pelos quais circulam diferentes saberes. Nesse sentido, a relação entre os/as *youtubers* e seus/as seguidores/as é atravessada por admiração e espelhamento. Essas pessoas lidam com subjetividades, contribuem para formar opiniões, atuam na reiteração de padrões. O que eles/as fazem e falam é visto e ouvido por milhares de indivíduos. Por isso, é relevante problematizar que discursos divulgam por *youtubers* e como os/as espectadores/as podem ser subjetivados/as na/pela interação com eles/as.

Dentre as inúmeras problematizações que podem ser feitas a partir dos vídeos do *youtuber* Felipe Neto, foi realizado um recorte ligado às questões de gênero e sexualidade, devido ao interesse e à inserção dessas questões em nossa trajetória acadêmica. Para conduzir este estudo, partimos da compreensão de gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

As construções de gênero variam de acordo com o momento histórico e com o meio social e cultural em que habitamos. Apesar de existirem diversas possibilidades de vivermos essas identidades, ao longo da nossa existência, somos educados/as para exercer determinadas identidades hegemônicas, isso acontece de forma sutil e minuciosa, “através de inúmeras aprendizagens e práticas”, processo educativo que “insinua-se nas mais distintas situações”, de modo explícito ou dissimulado, “por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.” (LOURO, 2008, p. 18).

Para este artigo, apresentamos análises com foco nos discursos e pedagogias de gênero em vídeos de caráter humorístico divulgados no canal do *youtuber* Felipe Neto. A partir dos vídeos selecionados, analisamos enunciados sobre formas de ser, pensar e agir que marcam posições de gênero, tais como o ‘homem engraçadinho’, a ‘lógica masculina’ e o ‘homem prático’.



## Discursos e Pedagogias De Gênero Nos Vídeos De Felipe Neto

O termo gênero começou a ser utilizado pelos estudos feministas “como uma maneira para se referir à organização social da relação entre os sexos. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (SCOTT, 1995, p. 72, grifos da autora). Foi usado também para estudar as questões que envolvem as mulheres em suas relações sociais, culturais e históricas com os homens. Assim, como argumenta Joan Scott (1995), gênero se torna uma forma de indicar as posições sociais ocupadas por mulheres e homens como ‘construções culturais’.

Falar em gênero é dizer sobre a diversidade de masculinidades, feminilidades e outras construções identitárias mais plurais que ultrapassam as fronteiras do binarismo masculino/feminino. Além disso, é problematizar os significados sociais dados às múltiplas possibilidades de vivenciar essas identidades; as relações de poder estabelecidas entre elas e como as características atribuídas culturalmente a cada uma tornam-se ferramentas de classificação e enquadramento, demarcando lugares sociais. Ao utilizar o conceito de gênero sob inspiração de perspectivas pós-estruturalistas é importante pensar que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75), pois se trata de um elemento relacional. Vivemos em uma sociedade que se organiza a partir do que seriam dois polos – masculino ou feminino -, por isso, a construção das diferentes identidades de gênero passa pelos significados sociais atribuídos às masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, é preciso estar atento/a às relações de poder estabelecidas nesse jogo de significações, problematizando como elas são fundamentais na constituição dos sujeitos. Essa perspectiva se alinha à nossa proposta de problematizar discursos de gênero presentes em vídeos do *youtuber* Felipe Neto, buscando analisar o que, como e em que contextos essas relações neles aparecem e como isso pode contribuir para a construção das identidades de gênero de seus/suas espectadores/as.

Ao longo da vida vamos construindo formas de manifestar nossas identidades de gênero. Existem traços, comportamentos, marcas corporais e maneiras de se expressar que dizem dessas identidades. Elas são construídas a partir de investimentos diversos que nos ensinam como



os sujeitos que assumem essa identidade deve se comportar. A existência de comportamentos tidos como hegemônicos, configurando formas padronizadas de gênero, está relacionada à reiteração dessa hegemonia por meio das mídias. Segundo Marisa Costa e Paula Andrade (2013, p. 9),

é por intermédio das imagens, discursos e narrativas postas em circulação por revistas, jornais, publicidades, etc., que aprendemos a ser sujeitos de um certo tipo e é por meio da produção e circulação destas representações que as pedagogias culturais operam.

Uma dessas pedagogias é o humor, presente em várias produções do canal Felipe Neto e nos mais diversos artefatos culturais. Muitas vezes ouvimos piadas sobre a diferença de comportamento entre homens e mulheres. Como, por exemplo, aquelas que dizem que mulheres dirigem mal; que elas compram coisas demais; que elas demoram muito para se arrumar para sair; que elas gostam de discutir a relação; que homens fazem drama quando ficam doentes; que eles recebem ordens de suas esposas, entre outras. Porém, é importante ressaltar que o humor também é uma forma de pedagogia cultural que inculca comportamentos, pois “na medida em que recursos humorísticos, com seu conteúdo e técnicas, são mobilizados, junto com eles também são acionados valores e representações culturais” (FERREIRA; KIRCHOF, 2016, p. 211).

As produções humorísticas relacionadas com as questões de gênero e sexualidade geralmente seguem um padrão estabelecido culturalmente, naturalizando discursos normativos em que é reforçado o lugar de inferioridade de algumas identidades em função de outras. Essa reiteração, feita através de variados meios discursivos e não discursivos, que nos faz repetir gestos, ações e modos de ser, está ligada à performatividade. Segundo Judith Butler (2018, p. 195, grifo da autora), “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Assim, à medida que o humor reitera as normas de uma forma sutil, se torna uma ferramenta educativa, contribuindo para os processos de constituição dos sujeitos no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade.

Piadas geralmente reproduzem as hierarquias culturais, grande parte delas satirizam identidades que sofrem algum tipo de discriminação na sociedade. Enquanto estimulam o preconceito, reforçam os lugares sociais e características consideradas negativas de determinados grupos. À medida que circulam, os discursos repetidos com tom humorístico vão ganhando *status* de verdade. Com isso, subjetivadas por eles, as pessoas



começam a disseminá-los, acreditando serem naturais e inofensivos. Por isso, é importante problematizá-los na perspectiva foucaultiana, torná-los um problema em questão, pensar em como estão presentes em nossa vida e como somos constituídos/as por esses discursos. Enfim, ‘dar um passo atrás’ e olhar para nós mesmos como objeto de questionamento e desconstrução, pensando em como lidamos com discursos de gênero que são reforçados através do humor e como podemos repensar nossa relação com eles (SANTOS, 2021).

## **“Homens Que Não Têm Mais Salvação!”: O Homem Engraçadinho E A Lógica Masculina**

No início do vídeo “Homens que não têm mais salvação!”<sup>4</sup> (2019), Felipe Neto diz:

hoje nós vamos falar sobre lógica masculina! Mais especificamente sobre esse estereótipo. Né? Que normalmente é do hétero tops. [...] Não é pra gente dizer que todo homem é igual. Mas muitos são desse jeito aqui, que a gente vai ver.

A fala sugere que há uma lógica masculina, ou seja, um padrão no comportamento de determinados homens intitulados “*hétero tops*”. O *youtuber* não explica o que significa essa expressão, por isso buscamos informações na internet e encontramos algumas definições em sites, por exemplo, naqueles em que usuários/as comentam questões como “O que você considera como ‘hétero top?’”<sup>5</sup>; “Como se comporta o hétero ‘topzera?’”<sup>6</sup>; “oq [sic] seria um hétero top?”<sup>7</sup>. As respostas foram bastante variadas, geralmente relacionadas ao estilo musical e acessórios que a pessoa curte ou como se comporta em baladas e em relacionamentos. Já no “Dicionário informal”<sup>8</sup> encontramos a seguinte definição para ‘Hétero

<sup>4</sup>HOMENS que não têm mais salvação. 1 de out. 2019. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cm-LHLh-jzo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

<sup>5</sup>Disponível em: <https://elaele.com.br/q/176415-o-que-voce-considera-como-hetero-top>. Acesso em: 20 maio 2020.

<sup>6</sup>Disponível em: <https://pt.quora.com/Como-se-comporta-o-hetero-topzera>. Acesso em: 20 maio 2020.

<sup>7</sup>Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20170327012751AAC6Uqe>. Acesso em: 20 maio 2020.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/h%E9tero+top/>. Acesso em: 20 maio 2020.





top': "Estereótipo de pessoa que escuta sertanejo universitário, funk, vai em rolês/baladas e veste camisa polo". Além da definição, o *site* apresenta "Sinônimos de Hétero top: boy padrão, machista, boy lixo"; "Antônimos de Hétero top: *gay*, homem, pessoa legal, respeitoso"; "Palavras relacionadas a Hétero top: hétero, masculinidade tóxica, mulher, homofóbico". Esse é um dicionário aberto em que qualquer pessoa pode acrescentar palavras e significados. Com essa busca, não argumentamos que se trata do sentido exato utilizado por Felipe Neto em seu vídeo, mas nos inserimos nesse jogo linguístico para nos aproximar dos possíveis sentidos que interpelam os/as espectadores/as ao assistirem esse artefato.

A palavra 'top' pode significar algo interessante, muito legal, de boa qualidade... ao analisar a expressão fora de contexto parece tratar-se de um/uma 'heterossexual muito bom'. Porém, algo chama a atenção no uso da expressão 'hétero top': apesar de ser composta por uma palavra que diz da sexualidade das pessoas, as definições encontradas baseiam-se em comportamentos sociais relacionados ao gênero, mostrando como essas duas questões são comumente misturadas e confundidas. Além disso, é usada para designar homens. Diante disso, cabe alguns questionamentos: tais comportamentos são apresentados só por homens heterossexuais? Mulheres com essas características também seriam consideradas 'hétero tops'? Existiriam pessoas 'homo tops' ou 'bi tops', etc.? Que características elas apresentariam? Como o rótulo 'hétero top' circula em nossa sociedade? Que discursos estão vinculados a ele? Como pode estimular a segregação e a discriminação nas relações de gênero e sexualidades? Essas são questões válidas para pensar o rótulo de 'hétero top'.

Embora os sentidos sobre o que significa ser "hétero top" não sejam muito precisos, Felipe Neto dá algumas pistas no vídeo "Homens que não têm mais salvação!" (2019). Ao longo da produção, o *youtuber* apresenta fotos que mostram atitudes praticadas por homens e comenta as mesmas. Os rótulos das imagens apresentadas no vídeo faziam menção a ações de homens no cotidiano. São diversas imagens mostrando situações em que homens usam recursos cômicos, engraçadinhos, debochados, 'brincando' com sua própria imagem e com as de outras pessoas. Para Felipe Neto, elas demonstram uma 'lógica masculina'.

Vivemos em um mundo em que o recurso às imagens é uma forma rápida de comunicação, elas povoam nosso cotidiano e, muitas vezes, transmitem mensagens que são capazes de subjetivar quem as vê, pois também são fontes de disseminação de discursos (SANTOS, 2021). Dessa maneira, exibir um conjunto de fotos que representam uma ideia comum



é uma forma de pedagogia capaz de evidenciá-la, podendo dar a ela um *status* de verdade. A imagem é um instrumento discursivo muito potente, pois “mais do que apenas ilustrar, ornar um texto, representa, descreve, narra, simboliza, expressa, brinca, persuade, normatiza, pontua e educa” (SCHWENGBER, 2006, p. 268). Apesar disso, vale ressaltar que

os significados não estão nas imagens, mas nas relações que estabelecemos com elas como “processos de deslocamento” e produção de subjetividades. Esse aspecto relacional das imagens pode se dar nas negociações que envolvem o que nos satisfaz, o que confirma nossas crenças e pensamentos, ou no que incomoda, pois não representa o que acreditamos ou pensamos. (CASTRO, 2014, p. 137, grifo do autor).

Assim, ao olhar para as imagens apresentadas pelo *youtuber* podemos nos relacionar com elas de maneiras diferentes. Porém, sua presença no contexto do vídeo, juntamente com os comentários de Felipe Neto, tende a direcionar o olhar do/a espectador/a. O professor que usa uma vara de pescar com um dedo de espuma; o treinador que envia uma foto do Buzz Lightyear para a aluna dizendo que ela se parece com o personagem; o pai que coloca dois cabides nas orelhas para imitar os brincos da mãe; o marido que faz um cobertor com a foto que a esposa detesta; o pai que veste a roupa da filha no seu boneco; o noivo que é levantado por um amigo para pegar o buquê da noiva e sair correndo e a pessoa que coloca olhos nas costas de um gato para parecer um mamute, sugerem uma forma de ser homem: aquele que ‘zoa’<sup>9</sup>, faz graça, que é bem humorado, enfim, ‘o engraçadinho’. Todavia, o fazer graça não é algo que se possa generalizar, pois isso não está somente em quem faz, mas também em quem observa. Portanto, algo pode ser engraçado para uma pessoa e não ser para a outra.

As fotos despertam risos da equipe que acompanha a gravação do vídeo, o que é um reforço à ideia de homem engraçado. Ao ser postado em um canal de entretenimento, esse material pode ser visto como uma simples piada, e os discursos presentes nele podem passar despercebidos. Isso não acontece só no material analisado, mas em diversas situações cotidianas em que questões importantes são faladas em tom humorístico e não são levadas a sério. Por isso, é fundamental destacar que essa forma de abordagem também nos educa, a repetição de discursos em falas

---

<sup>9</sup>De acordo com o dicionário Michaelis, zoar significa “Dizer ou fazer algo com o objetivo de causar riso ou chacota; caçoar, gozar”. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=zoar>. Acesso em: 27 maio 2020.



humorísticas pode inculcar saberes sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre gênero e sexualidade, essa postagem pode ser um exemplo disso. Por isso nos questionamos: o que as imagens nos dizem? Por que estão em um vídeo intitulado “Homens que não têm mais salvação!”? O que significa ser ‘desse jeito’? Quem faz parte da ‘lógica masculina’ apresentada no vídeo? Como esse vídeo pode subjetivar o público de forma geral? E a audiência masculina que assiste?

As reações de Felipe Neto diante das fotos expressam ideias difundidas na nossa cultura. Ao falar sobre os homens ele marca um lugar identitário, apontando determinadas características. Isso pode ser observado nos comentários a seguir:

*É engraçado que nem diz se foi homem ou mulher que escreveu ou postou isso, mas você sabe que foi um homem. Você concorda que você sabe que foi um homem? Que mulher nenhuma tem esse nível de atraso intelectual! De olhar pra bunda do gato e falar: “Eu tô vendo um mamute! Eu tô vendo... Se botar dois olhos, fica um mamute!” E coloca mesmo! Que sacanagem com o gato!*

*Vocês entendem que nenhuma mulher no mundo, na história... Vai pegar um cabide, pendurar na orelha e chegar na sala? Nenhuma! Por que que existe esse abismo intelectual? Entre os dois gêneros. Alguém precisa estudar isso de fato! Ô NASA! Ô pessoal das ciências sociais, pelo amor de Deus. Por que que homem tem o gene da imbecilidade?*

*É isso! Você... Você imagina a professora entrando em sala com uma vara de pesca com um dedo de espuma na ponta? Tu consegue imaginar essa cena? A professora entrando e falando: “Eu não acredito em laser! Laser faz mal, dá câncer. Tá aqui o meu laser”. Com uma vara de pesca. SÓ HOMEM! Nós somos uma raça desevoluída que não tem evolução! (HOMENS..., 2019, grifos do autor).*

As três passagens afirmam que os comportamentos expressos nas fotos que aparecem no vídeo são exclusivamente masculinos, o que sugere uma divisão binária de gênero. Para Guacira Louro (2003, p. 34, grifos da autora),

a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas.



Assim, ao afirmar que mulheres não teriam aquelas atitudes, os comentários apontam para essa dicotomia, reforçando a lógica binária dos gêneros. Nessa perspectiva, Felipe Neto adjetiva os homens, referindo-se a eles como quem tem “*atraso intelectual*”; tem o “*gene da imbecilidade*” e é “*uma raça desevoluída*”. Dizer que essas características são coisas de homem acaba por naturalizar tais aspectos como ‘próprios’ de uma identidade masculina, especialmente quando a questão biológica é acionada com a expressão “*gene da imbecilidade*”. Ao ouvirem que naturalmente os homens são “*imbecis*”, alguns deles podem tomar essa característica para si e reproduzirem determinadas atitudes para se enquadrarem no perfil de masculinidade exposto. Quanto às espectadoras, é possível que algumas delas evitem comportamentos apontados como masculinos para se distanciarem do gênero com o qual não se identificam.

É dessa forma que os discursos agem produzindo os sujeitos aos quais se referem (FOUCAULT, 2008). Essa circulação de discursos, que geram uma repetição de atos por indivíduos que se identificam com eles, é o que Judith Butler (2003, 2018) chama de performatividade de gênero. À medida que um sujeito se reconhece em uma identidade de gênero, ele a constrói a partir de enunciados performativos que dizem dela. Quanto mais eles são repetidos, especialmente por pessoas com muita visibilidade e influência, como o *youtuber* Felipe Neto, mais sujeitos se constituem a partir deles. Ainda que haja possibilidades de resistências e diferentes olhares sobre esses enunciados, sua repetição pode dar a algumas pessoas a ideia de que apresentam algo naturalmente pertencente a determinada identidade.

Quando faz essas afirmativas, o *youtuber* aponta comportamentos que acredita pertencer a uma ‘lógica masculina’, inclusive apoiando alguns deles e colocando-se nessa lógica. O fato de identificar-se com determinadas condutas, ou ver que elas são adotadas por outros homens, não significa que nenhuma mulher tenha uma dessas atitudes, nem que todo homem apresenta os mesmos comportamentos. Existem diversas maneiras de vivenciar as identidades de gênero, dentro do mesmo contexto social, cultural e histórico, já que elas não são homogêneas e estão sempre em reconstrução (SILVA, 2000). Se houvesse um gene que fizesse com que os homens tivessem determinados comportamentos, todos agiriam da mesma forma, mas não é assim que acontece. Marlucy Paraíso (2014, p. 31) nos diz que “o sujeito é um efeito de linguagens, dos discursos, dos textos, das representações, das



enunciações, dos modos de subjetivação, dos modos de endereçamentos, das relações poder-saber”. Esses aspectos fazem com que sujeitos sejam constituídos de modos diferentes de acordo com os discursos que circulam em seus meios e com as experiências pessoais que vivenciam.

Apesar disso, o vídeo expressa a ideia de que há uma ‘*lógica masculina*’, seja nas fotos que apresenta ou nos comentários feitos pelo influenciador ao apresentá-las. Falando sobre as imagens de um homem pegando o buquê, jogado pela noiva para mulheres solteiras, ele exemplifica o que considera ser um ‘*hétero top*’:

*Eu ia querer pegar o buquê. Só porque eu sou competitivo! É, eu queria socar todo mundo, assim, pegar o buquê, sair correndo e tacar no chão, tá ligado? “Aaaaah \*POF\* Aaaaahh!” Isso é a lógica masculina, tá vendo? Isso é ser um homem hétero top. (HOMENS, 2019, grifo do autor).*

A ideia de que homem é competitivo e agressivo, expressa na fala, é bastante difundida. Para fazer essa afirmação, Felipe Neto aciona os saberes que ele tem a respeito do que é ser masculino e “*hétero top*”, saberes que não foram inventados por ele, mas que o constituem. Ao dizer que agiria de forma agressiva, o *vlogger* se vê na lógica masculina e “*hétero top*” que aponta. Por ser um homem cisgênero e heterossexual foi subjetivado por essa lógica ao longo da vida. Alguns autores (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; NOLASCO, 1993; SILVA, 2019) discutem sobre os processos de construção das masculinidades, ressaltando como eles acontecem em diversas instâncias da vida social. É comum que sejam incentivados comportamentos que incitam a força, a coragem, a agilidade, a virilidade, a competitividade, a agressividade, a “zoação”... Atributos que, apesar de serem tratados como naturalmente masculinos, são construídos culturalmente e estimulados em meninos desde o seu nascimento.

Tal construção é tão forte que, geralmente, as condutas que ela inspira são tratadas como inatas. Diante disso, podemos perceber uma certa lógica masculina em algumas situações, não porque os homens são assim ‘por natureza’, mas por estarem inseridos em uma cultura repleta de processos educativos que estimulam determinadas formas de ser e agir. Vivemos em uma sociedade do enquadramento que se organiza a partir de rótulos e molda os sujeitos para se encaixarem neles. Dessa maneira, aprendemos “a enquadrar todos, definindo-lhes lugares, identidades, ações, o que deve e o que não deve ser feito, o ‘certo’ e o ‘errado” (FERRARI, 2009, p. 121, grifos do autor). Enquadramos o outro e a nós



mesmos/as, construímos nossas identidades e dizemos de nós a partir desses rótulos.

Ao longo do vídeo em questão, as falas e as imagens reforçam o enunciado do homem engraçadinho, delineando tal lógica masculina que inclui determinadas características e que é reiterada através de muitas instâncias sociais e culturais. Tentar estabelecer essa lógica significa buscar um homem padrão e classificar quem se enquadra ou não. Quando Felipe Neto apresenta determinadas condutas como sendo naturalmente masculinas, pode contribuir para a perpetuação dessa lógica. Ao mesmo tempo, à medida que associa as atitudes à imbecilidade, também pode fazer com que alguns espectadores pensem antes de seguir tal lógica e a rejeitem, pois os discursos nem sempre são prontamente aceitos e incorporados pelos sujeitos. Os processos educativos se dão em meio a negociações, conflitos e resistências com o que é ensinado. Diante disso, é importante lembrar que, apesar da produção estar repleta de discursos de gênero, as pessoas são afetadas por eles de maneiras diferentes.

## **Simples Assim: O ‘Homem Prático’**

A objetividade é uma característica comumente atribuída a homens. A ideia de que eles descomplicam e são mais práticos está presente em diversos enunciados que circulam na nossa sociedade, o que pode estimular a construção de sujeitos que se encaixam nesse perfil. O vídeo “Homens vs. mulheres! E agora?”<sup>10</sup> (2019), também apresenta reações de Felipe Neto a imagens que remetem a ações de homens em situações nas quais eles ‘simplificam’ as coisas, como secar roupa no micro-ondas; secar louça com o ventilador; colocar a pizza na geladeira sem proteção; levar pouca bagagem; não arrumar a cama todos os dias; usar poucos cosméticos; esperar que tenha um banco nas lojas para utilizá-lo ao esperar uma mulher; colocar um limão inteiro na xícara, quando a mulher pediu água com limão, e encher a fruteira com bolinhos ao invés de frutas. Essas atitudes podem ser consideradas mais práticas por algumas pessoas, pois “muitos homens parecem ter a percepção de que seus comportamentos são dotados de uma pretensa e inquestionável objetividade masculina” (BORIS, 2000, p. 347). O enunciado do homem prático e objetivo é disseminado em nossa sociedade por diversos meios.

---

<sup>10</sup> HOMENS VS. Mulheres! E agora?. 14 set. 2019. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EW0iq3jR4PI&t=12s>. Acesso em: 20 mar. 2020.



Na medida em que isso acontece, mais homens se constituem a partir dessa ideia. É desse modo que os discursos podem produzir os sujeitos de que falam (FOUCAULT, 2008). Apesar disso, a objetividade não é uma característica inerente aos homens, além do mais, ser objetivo não significa sempre fazer o que é mais prático, pois há diferentes modos de compreender o que é praticidade e objetividade diante das diversas situações cotidianas. Ao olhar as fotos apresentadas no vídeo, Felipe Neto concorda somente com algumas, com as quais admite se identificar de acordo com as falas que seguem:

*Eu concordo com esse marido. É isso que eu quero saber, tá errado? Você pediu água quente com limão! Eu não fiz faculdade de gastronomia, filha! Eu não... Eu não sei o que que você quer! Isso, pra mim, é água quente com limão! Não entendo essas pessoas mal agradecidas né, cara? O cara vai lá, faz o favor e ainda recebe essa... Que absurdo!*

*Mas eu confesso que eu sou que nem esse cara. Eu odeio arrumar a cama. Eu não entendo o propósito de arrumar a cama. Vocês sabem que eu defendo essa tese, assim... Tipo, se ninguém vai visitar o seu quarto, por que que ele tem que estar arrumado? A cama! Não tô falando, tipo... E também não tô falando pra deixar, assim, parecendo um ninho de capivara não! [...] Mas eu não entendo a cama ter que estar alinhadíssima! Tipo, perfeita! Sabe? Tipo... Com as pelúcias em cima. Com o lençol dobrado milimetricamente... Tipo, pra quê? Eu saio e boto o edredom de volta, assim, jogo e fica tranquilo!*

*Porque o homem não se preocupa com climas! O homem olha assim: “Vai fazer frio ou calor? Lá é quente”. Só leva roupa quente. “Ah, lá é frio”. Só leva roupa fria. Se inverter, dane-se! Ele se vira com o que tem! A mulher se prepara bastante! Ela leva roupa pra todas as estações. [...] O meu realmente cabe numa sacola do Walmart mesmo.*

*E o nome do céu na Terra pros homens em loja feminina se chama... banquinho! Vocês não têm ideia da felicidade que é você estar carregando 8 bolsas em cada mão e você entra na loja e vê um banquinho. (HOMENS VS..., 2019).*

Os comentários falam do homem prático diante de uma mulher, aquela que quer a cama “alinhadíssima”, aquela que viaja e leva muitas bagagens para não faltar nada e aquela que faz muitas compras. Vale lembrar que esse perfil não pertence a todas as mulheres, mas o vídeo apresenta uma forma de ser mulher para as espectadoras, assim como



inspira algumas atitudes aos espectadores. Ao concordar com as condutas contidas em algumas fotos, Felipe Neto assume o enunciado da objetividade masculina se colocando nesse lugar. Ao reafirmá-lo, acaba sugerindo a concepção de que mulheres não são objetivas, pois indica uma oposição nos comportamentos, já que “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo, quer real ou imaginário, da feminilidade” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265). Desse modo, o gênero contribui para uma hierarquização social, pois à medida que determinados comportamentos são associados a cada gênero podem ser mais ou menos valorizados socialmente, como ocorre com a objetividade atribuída à masculinidade. Isso mostra que

ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes - e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder. (LOURO, 1995, p. 106).

As imagens apontam essa oposição, principalmente a da cama, a das bagagens e a do banheiro, que, juntamente com as falas, valorizam a praticidade e a objetividade e atrelam essas características aos homens. Os artefatos culturais, de uma forma geral, apresentam pedagogias de gênero que ensinam sutilmente algumas condutas para a vivência de identidades masculinas e femininas, fazendo com que as atitudes sirvam para enquadrar os sujeitos em determinadas posições. Com isso, as relações de poder são disputadas discursivamente, pois, as questões de gênero são significadas de acordo com os enunciados em torno dos comportamentos dos indivíduos. Incorporar ou negar determinados discursos de gênero depende do lugar que cada um/uma acredita ocupar.

Apesar de se assumir como homem prático nas falas, Felipe Neto parece discordar de algumas atitudes apresentadas nas imagens, mostrando como os sujeitos transitam entre os enunciados que dizem das masculinidades. Isso retrata como “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (CONNELL, 1995, p. 189), bem como as demais identidades que nos constituem, as masculinidades estão sempre em construção e negociação. Pelos comentários, é possível perceber que o *youtuber* não se reconhece nos comportamentos de todas as fotos:

*Gente, a roupa pega fogo! A roupa queima! Mas isso é básico! Mas não é possível que você não pensou nisso, cara!*





*Mas você casou com um orangotango também né, filha? Como é que o cara bota a pizza [...], mas por que que tu vai botar assim na geladeira, cara? Vai ficar tudo ressecado, horrível!*

*Aqui, uma mulher, a esposa, pediu pro marido encher a fruteira. Sabe o que é fruteira, né? Aquela coisa que fica cheia de frutinha, bonitinha, em cima da mesa. Aí ele foi lá e encheu a fruteira... de bolinho. Isso é muito o Bruno né, cara? Isso é muito o Bruno! Pra que botar banana e laranja, se eu posso botar bolinho?*

*Olha, que safado! Ao invés dele pegar as coisas e secar ele botou um ventilador, mano! Isso não pode ser saudável, cara. Tá cheio de pó nesse ventilador! Esse ventilador é cheio de poeira, tu tá jogando um monte de poeira na louça!*

*Esse eu discordo, porque o meu estaria cheio também. Porque eu tenho um monte de coisa! Tenho um monte de coisa! Tenho negócio pra fazer a barba, tenho creminho pós-barba, entendeu? Tenho um monte de perfume, tenho um monte de desodorante... (HOMENS VS., 2019).*

Ser prático não significa sempre fazer o que é mais fácil. Colocar a roupa no micro-ondas, guardar pizza sem proteção, secar louças com ventilador ou ter poucos cosméticos podem ser consideradas coisas práticas, mas são alvo de críticas do *youtuber*, que ressalta as consequências delas. Ele aponta uma praticidade que não reflete sobre seus efeitos, colocando-a em oposição a uma masculinidade inteligente, que pensa antes de agir. Isso mostra que há limites para a objetividade. Felipe Neto também escapa da praticidade quando o assunto são os cosméticos e assume utilizar vários produtos, se aproximando do que seria o universo feminino, de acordo com o que sugere a imagem dos armários de banheiro.

Ou seja, apesar do título do vídeo sugerir um antagonismo entre homem e mulher e reafirmar esse binarismo em muitos momentos, é possível questionar a polarização. Pensar que não há uma unidade dentro de cada um desses polos e nem uma oposição rígida entre eles. Podemos problematizar “a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada pólo não é uno, mas plural, mostrando que cada pólo é, internamente, fraturado e dividido” (LOURO, 2003, p. 31). Pois, não há homogeneidade em ser homem ou mulher, já que existem formas diversas de viver essas identidades. Para Joan Scott (1995, p. 93, grifos do autor),



“homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas.

Quando Felipe Neto se coloca ao mesmo tempo dentro e fora do discurso do homem prático, ele demonstra o caráter heterogêneo dos rótulos relacionados às identidades de gênero. Ainda que seja homem e em alguns momentos concorde com a objetividade masculina, em outros ele discorda, revelando o caráter de negociação no processo de construção das masculinidades.

## Considerações finais

Felipe Neto é amplamente conhecido e tem grande visibilidade. Considerando esse fato e pensando no alcance produzido por seus vídeos, chegando às pessoas cotidianamente em função da presença da Internet em nossas vidas, nos faz colocar esses artefatos ‘sob suspeita’, tomando-os como algo a ser pensado na sua potencialidade de disparar processos de subjetivação, enredando sujeitos a produzirem a si mesmos, seus saberes, suas experiências.

Usualmente, como demonstrou a pesquisa realizada (SANTOS, 2021), os temas dos vídeos do *youtuber* não estão diretamente relacionados com questões de gênero, ou, ao menos, não são interpretados como produtores de pedagogias de masculinidades e feminilidades. Foi necessário um olhar atento e sensível para acompanhar, discursivamente, a circulação dessas pedagogias nas falas proferidas por Felipe Neto em seus vídeos. Um olhar contaminado pelas teorizações de gênero inspiradas em perspectivas pós-estruturalistas e foucaultianas, que nos conduz a apresentar os enunciados que circulam pelos artefatos e quais suas condições de existência. Mais do que isso, é problematizar os efeitos dos discursos nos sujeitos, ao anunciarem determinados modos de viver, de existir. Portanto, tomar os vídeos como algo a ser pensado é também tomar o que somos e como viemos nos constituindo discursivamente, como possibilidade de resistir e de criar outras formas de ser e de estar no mundo.

Ressaltamos a visibilidade e o alcance dos vídeos desse *youtuber* não para dizer que apenas seus vídeos são eficientes nos processos educativos com os/as seguidores/as. Outros vídeos e demais artefatos



culturais, em suas características e nas relações que os sujeitos estabelecem com eles, podem ser tão eficientes quanto os vídeos analisados no contexto da pesquisa. Assim, não se trata de uma escolha furtiva. Primeiro, diz da trajetória de uma das autoras, como professora atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, que observa, cotidianamente, a relação das crianças com os vídeos e com os/as *youtubers*. Segundo, a eficiência pedagógica dos vídeos se potencializa com a visibilidade e alcance, especialmente por se tratar de um canal que, conforme comentamos anteriormente, não se propõe a trazer conteúdo diretamente relacionado com pautas de gênero e sexualidade. Quer dizer, diferente dos canais em que os/as *youtubers* se colocam como ativistas ou pesquisadoras/es diretamente envolvidas/os com questões de gênero e sexualidade, os vídeos produzidos por Felipe Neto chegam a sujeitos que, em princípio, não se interessariam por esse conteúdo.

Os vídeos analisados neste artigo produzem suas pedagogias acionando duas estratégias centrais: o humor e o resgate do senso comum. Com isso, mais pessoas são interpeladas a produzir algo com o seu conteúdo, podendo identificar-se com suas proposições ou refutá-las. De todo modo, importa dizer que os/as expectadores/as dos vídeos não são meros/as receptores/as passivos/as desses conteúdos, pelo contrário, envolvem-se ativamente com as aprendizagens, posicionam-se e passam a ver o mundo e a si mesmos/as a partir delas. Até mesmo o *youtuber* Felipe Neto, ao mobilizar o senso comum para divertir seus/suas expectadores/as, aponta para esse aspecto. No término do vídeo “Homens vs. mulheres! E agora?” (2019), ele diz que “*esse foi um vídeo de clichês*” e que, para ele, “*nada disso é verdade. O mundo é muito mais do que só essa... Essa coisa do homem e mulher serem assim e “assado”. Isso é tudo bobagem, mas a gente faz piada, a gente se diverte!*” (HOMENS VS., 2019).

Mesmo que aponte as contradições das imagens que ele apresenta para ‘distrair’, ‘divertir’, o *youtuber* parece desconsiderar a potencialidade pedagógica cultural das piadas, do humor, que se incorpora ao senso comum cotidiano legitimando determinadas práticas socioculturais. Admitir que ‘nada disso é verdade’ é uma forma de mostrar como algo se torna verdade, tratando-se, em uma perspectiva foucaultiana, de visibilizar o contexto histórico e as condições de produção e de emergência dos ditos e não ditos.

Por fim, problematizar os discursos de gênero que circulam pelos vídeos de *youtubers*, como Felipe Neto, é um modo de visibilizar os



complexos e naturalizados processos de construção de sujeitos de gênero, de suas identidades de gênero. O investimento reiterativo em determinadas características, como modos de falar, atitudes, expressões corporais, marca as tentativas de captura pelas normas, entendendo que gênero, assim como outras categorias, são importantes organizadores sociais (SCOTT, 1995). Portanto, os vídeos, aquilo que é possível ver e ouvir, as imagens que se apresentam para quem os assiste, participam da constituição de sujeitos. Segundo Guacira Louro (2008, p. 22), “aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos”.

## Referências

ANDRADE, Paula Deporte de. Artefatos culturais midiáticos e pedagogias culturais: uma análise para explorar as qualidades pedagógicas da vida contemporânea. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. *Anais eletrônicos* [...]. São Luís, MA: UFMA, 2017. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT16\\_248.pdf](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT16_248.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. *Falas masculinas ou ser homem em Fortaleza*: múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: BUTLER, Judith (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Organização de Guacira Lopes Louro. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CASTRO, Roney Polato de. *Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.



CONNEL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 3 maio 2020.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p. 241-282. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 3 maio 2020.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., Goiânia. *Anais eletrônicos [...]*. Goiânia, 2013. Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16\\_2912\\_texto.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16_2912_texto.pdf). Acesso em: jun. 2019.

FERREIRA, Luiz Gustavo de Paris; KIRCHOF, Edgar Roberto. O que ensina a série televisiva “Deu a louca na história”? Televisão, humor e pedagogias culturais. *Textura: Revista de Educação e Letras*, Canoas, v. 18, n. 37, p. 205-220, maio/ago. 2016. ISSN 1518-4919. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2288/1554>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FERRARI, Anderson. Ma vie en rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 117-141, mar./ago. 2009. ISSN 2447-5246. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/09/Artigo-06-14.1.pdf>. Acesso em: 20 set, 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. ISSN 1678-4634. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882/29654>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. “Para fazer pensar e entreter”: educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades na revista Júnior



(2007-2015). 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

HOMENS que não têm mais salvação. 1 de out. 2019. (11 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cm-LHLh-jzo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

HOMENS VS. Mulheres! E agora?. 14 set. 2019. (12 min). Publicado pelo canal Felipe Neto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWoiq3jR4PI&t=12s>. Acesso em: 20 mar. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 11 maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. ISSN 1980-6248. DOI 10.1590/S0103-73072008000200003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2019.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas Pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

SANTOS, Michele P. Gonçalves dos. “Dá um like e se inscreve no canal!”: problematizando discursos de gêneros e sexualidades em vídeos do *youtuber* Felipe Neto. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.



SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 5 jun. 2020.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da pais & filhos*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, José Rodolfo Lopes da. “*Seja homem de verdade!*”: (re)constituindo masculinidades numa escola de cidade pequena e do interior. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015. ISSN 0101-465X. DOI 10.15448/1981-2582.2015.1.18441. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acesso em: 30 ago. 2019.

## Hombres Y La 'Lógica Masculina': Pedagogías De Género En Videos Del Youtuber Felipe Neto

**ABSTRACT:** El artículo presenta una parte de los análisis construidos en una investigación de maestría en educación, que propuso problematizar los discursos de género y sexualidad en videos del youtuber Felipe Neto, difundidos en su canal de YouTube. Haciendo una selección entre los análisis, se optó por presentar discusiones a partir de dos de los videos que constituyen el corpus de la investigación. En ellos, el youtuber activa estrategias humorísticas, con el objetivo de entretener a la audiencia, para presentar escenas que conducen a formas de ser hombre en la cultura, permeando nociones como el hetero tops, el hombre divertido, el hombre práctico, desde lo naturalizado. idea de logica masculina. Los análisis tomaron los videos como artefactos culturales, cuyas pedagogías de género actúan en la constitución de sujetos, interpelándolos a posicionarse frente al audiovisual, aliándose con sus representaciones o refutándolas.

**KEYWORDS:** GÉNERO. Discursos. YouTube. Felipe Neto. Pedagogías culturales.

***Michele Priscila Gonçalves dos SANTOS***

*Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais  
Pedagoga. Mestra em Educação. Professora dos anos iniciais do ensino  
fundamental na rede estadual de educação de Minas Gerais.*

*E-mail: michele\_pgs@hotmail.com*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9699-9100>*

***Roney Polato de CASTRO***

*Universidade Federal de Juiz de Fora  
Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em  
Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do grupo  
de estudos e pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED).*

*E-mail: roneypolato@gmail.com*

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6385-9096>*

*Recebido em: 16/02/2022*

*Aprovado em: 13/09/2022*